



O ENSINO DO CONCEITO DE PAISAGEM A PARTIR DA METODOLOGIA DO TRABALHO DE CAMPO

Rafael Alonso Jeronimo Corvalan¹
Ronan Eustáquio Borges²

RESUMO

Buscando contribuir as discussões a respeito da categoria paisagem no ensino de geografia, o presente artigo trás discussões que desmistifiquem a relação entre o conceito de paisagem e apenas aquilo que pode ser visto. Dessa forma, discute-se como o conceito pode ser compreendido também a partir dos sentidos, como a audição e o olfato, seja no ambiente artificial e modificado pelo humano, ou natural, não modificado. Para tal compreensão realizou-se levantamento bibliográfico a respeito do ensino de geografia e da categoria paisagem, seguido pelo planejamento e realização do trabalho de campo, buscando aproximar a questão teórica a experiência empírica proporcionado pela ferramenta metodológica. Por fim, a partir das discussões teóricas e o procedimento metodológico, como resultado, elaborou-se um mapa dos usos do solo no espaço urbano, levantados a partir dos sentidos intrínsecos a paisagem durante o trabalho de campo.

Palavras-chave: Ensino, Paisagem, Goiânia.

ABSTRACT

Seeking to contribute to discussions about the landscape category in the teaching of geography, this article brings discussions that demystify the relationship between the concept of landscape and just what can be seen. Thus, it is discussed how the concept can also be understood from the senses, such as hearing and smell, whether in an artificial and human-modified environment, or in a natural, unmodified environment. For this understanding, a bibliographical survey was carried out regarding the teaching of geography and the landscape category, followed by planning and carrying out the field work, seeking to bring the theoretical issue closer to the empirical experience provided by the methodological tool. Finally, from the theoretical discussions and the methodological procedure, as a result, a map of land uses in urban space was elaborated, raised from the intrinsic senses of the landscape during the fieldwork.

Keyword: Teaching, Landscape, Goiânia.

¹ Mestrando do Curso do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás - UFG, rafaelcorvalangeo@gmail.com;

² Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás - UFG, ronanborgesbr@gmail.com



INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca contribuir com as discussões realizadas a respeito do trabalho de campo, enquanto proposta metodológica que potencialize a compreensão da categoria paisagem no ensino de geografia. Destaca-se que o trabalho é fruto da disciplina de Linguagem Cartográfica no Ensino e Pesquisa em Geografia, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás.

Para desenvolvimento do presente resumo expandido, inicialmente realizou-se o levantamento bibliográfico em relação ao ensino de geografia (CAVALCANTI, 2006), a categoria paisagem (TROLL, 1997; NASCIMENTO, 2019; SOUZA, 2013) e o trabalho de campo (SANTOS, 2008; CALLAI, 2003, WINKIN, 1998; PIRES DO RIO, 2011; CRUZ, 1997; MORAIS E LIMA, 2018), com objetivo de enriquecer teoricamente a discussão.

Assim, partindo das discussões em sala de aula e do levantamento bibliográfico, foi definido como objetivo da pesquisa, compreender o conceito de paisagem, utilizando-se como metodologia facilitadora do ensino de geografia, o trabalho de campo. Para isso, abordou-se na presente pesquisa a utilização do trabalho de campo enquanto metodologia investigativa e exploratória que potencialize o processo de ensino-aprendizagem na compreensão teórica da categoria paisagem, permitindo aos estudantes compreender e analisar as paisagens a partir das suas experiências cotidianas e concretas.

Introduzindo as discussões a respeito da categoria paisagem, Nascimento (2019) compreende que o conceito se define enquanto as configurações externas do espaço, geralmente definido apenas como “tudo aquilo que a visão alcança”, sendo necessário frisar a existência das paisagens ocultas, que compõem o espaço geográfico e se inserem na discussão teórica-conceitual a respeito da paisagem.

O conceito de paisagem está tradicionalmente segundo Souza (2013) ligada ao espaço abarcado pela visão, porém tal conceituação não é suficiente para definir a categoria paisagem, visto que para Nascimento (2019) tal conceituação peca por considerar apenas a visão enquanto perceptor do espaço, valendo destacar a importância da audição e do olfato na compreensão da paisagem, uma vez que para Santos (2008), a



paisagem configura-se pelas relações homem-natureza e seus elementos artificiais e naturais.

Dessa forma, a partir das discussões a respeito da categoria paisagem e sua conceituação, foi proposto a realização de um trabalho de campo, visto que para Winkin (1998), a cidade configura-se enquanto um laboratório natural onde as paisagens podem ser notadas a partir dos sentidos, sejam elas visíveis, ocultas, naturais ou artificiais.

A partir da possibilidade de unir as discussões teóricas a respeito da categoria paisagem e do trabalho de campo a realização dele, definiu-se como objetivo geral da pesquisa compreender a categoria paisagem a partir da aplicação do trabalho de campo. Já os objetivos específicos são: compreender a categoria paisagem; analisar as potencialidades do trabalho de campo no ensino da categoria paisagem; mapear os tipos de ocupação do solo urbano a partir do trabalho de campo e da categoria paisagem

A partir do desenvolvimento da pesquisa, com a formação de carga teórica a respeito da categoria paisagem e da importância do trabalho de campo no ensino de geografia, foi possível observar durante o trajeto realizado os diferentes tipos de paisagem, sejam artificiais, naturais, visíveis ou ocultas por meio dos diversos usos do solo urbano, permitindo dessa forma, mapear tais usos e transformações.

Dessa forma, compreendeu-se que o trabalho de campo se encontra enquanto metodologia potencializadora na compreensão a respeito da categoria paisagem no ensino de geografia. Por meio da compreensão teórica da paisagem e a realização do trabalho de campo, pode-se observar a partir da experiência empírica os diferentes tipos de paisagem, como as ocultas, que se demonstram nas reformas da histórica Avenida Goiás com a implantação do BRT Norte/Sul.

METODOLOGIA

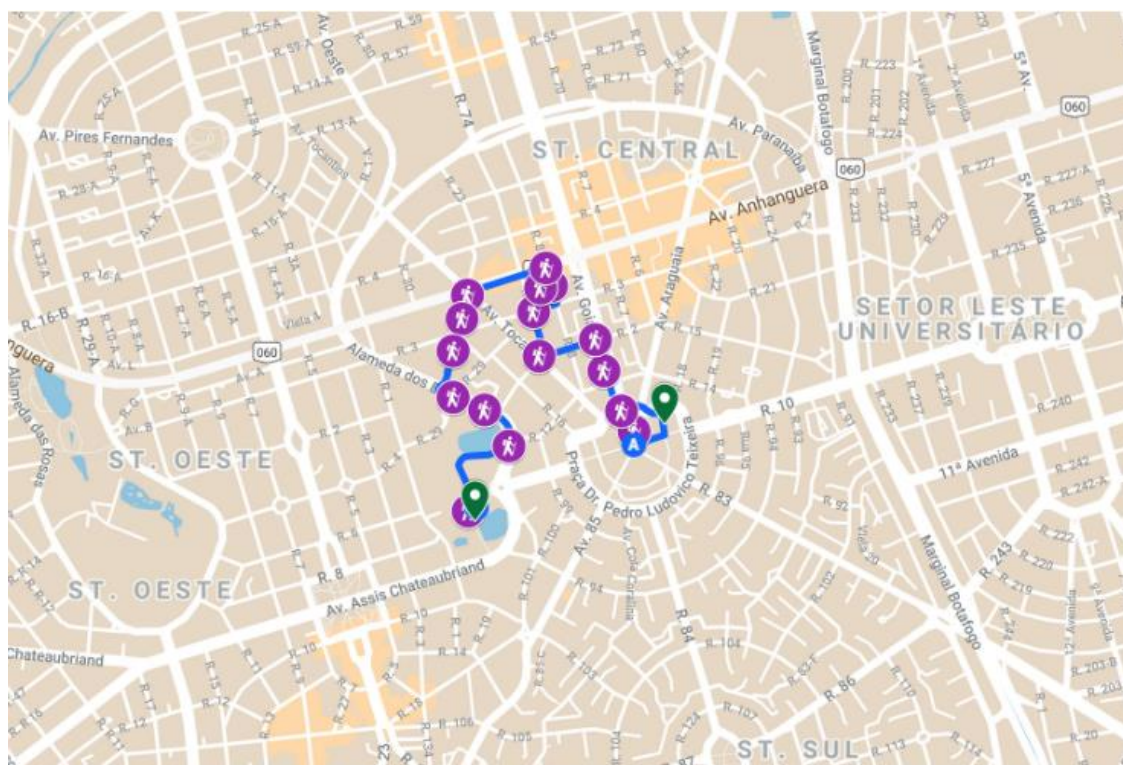
Assim, em um primeiro momento em sala de aula foram realizadas leituras, formando uma carga teórica prévia, em seguida definiu-se o trajeto do trabalho de campo no centro de Goiânia – GO, com início na Praça Doutor Pedro Ludovico Teixeira e término no Bosque dos Buritis, onde possibilita-se a abordagem de diversas temáticas intrínsecas ao ensino de geografia, definindo-se a discussão e compreensão da categoria paisagem como objetivo para o campo.

Visto o período pandêmico, o trabalho de campo, ocorreu com observação a todos cuidados para evitar a transmissão do COVID-19, assim foram definidos como



equipamentos obrigatórios o uso de máscaras, o álcool em gel e o distanciamento entre os alunos participantes. A realização ocorreu em um sábado pela manhã, visto o menor fluxo de pessoas na região central e com o funcionamento da maioria das atividades cotidianas da região, ressaltando-se também que a metodologia ocorreu em ambiente aberto, arejado e ventilado, nas ruas goianienses, seguindo um trajeto pré-definido (Figura 1).

Figura 1. Trajeto Trabalho de Campo da disciplina de Linguagem Cartográfica no Ensino e Pesquisa em Geografia.



Fonte: Google My Maps (2020). Elaboração: Richeter, D. Adaptação: Corvalan, R.A.J.

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.



REFERENCIAL TEÓRICO

O CONCEITO DE PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Compreendendo que a paisagem se encontra enquanto importante categoria geográfica, é importante registrar que a paisagem também é discutida e analisada nas Artes e Ciências, logo não é exclusividade da ciência geográfica, porém, segundo Troll (1997), apenas na geografia, ocorre a valoração científica, com sua transformação em eixo da teoria de investigação, desenvolvendo conceitos de conservação, criação de paisagens e proteção, possuindo fisionomia própria em cada caso.

A partir do momento que a categoria paisagem está inserida no ensino de geografia, se faz importante desenvolver mecanismos que facilitem o processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, Nascimento (2019) define paisagem enquanto configurações externas do espaço, sendo muitas vezes definido, simplesmente como “tudo aquilo que a visão alcança”, facilitando, assim, a compreensão e o aprofundamento gradual das discussões teórico-conceituais a respeito da categoria paisagem.

Faz-se importante ensinar aos estudantes, além dos conteúdos ditos mais importantes, ensiná-los modos de pensamento por meio de atividades didáticas, desenvolvendo capacidade de análise da realidade, de fatos, fenômenos e contextos socioespaciais, junto ao pensamento crítico e indagador da realidade cotidiana dos estudantes (CAVALCANTI, 2006).

O conceito de paisagem, segundo Souza (2013) está tradicionalmente interligado ao “espaço abarcado pela visão de um observador”, dialogando com as tradições dos artistas plásticos, com a representação visual e pictórica de espaços escolhidos, partindo da perspectiva do sujeito que analisa a paisagem.

Compreender a paisagem enquanto “tudo aquilo que a visão alcança” ou como o “espaço abarcado pela visão de um observador”, não é suficiente, visto que, ao definirmos as paisagens dessa forma, a visão é privilegiada enquanto sentido preceptor do espaço e exclui-se da análise os sentidos da audição e do olfato em conjunto as chamadas “paisagens ocultas”, que também compõem o espaço geográfico e estão inseridas na discussão teórica-conceitual da categoria paisagem, mesmo que sejam ocultadas pela sociedade em muitos casos (NASCIMENTO, 2019).



Entendendo a paisagem enquanto conceito que pode ser analisado a partir dos sentidos, junto as interferências humanas, nas questões culturais, sociais e econômicas, que atuam na modificação da paisagem, Santos (2008, apud NASCIMENTO, 2013) compreende a paisagem enquanto uma união de formas, heranças representadas pelas relações homem – natureza, sendo um conjunto de elementos naturais e artificiais que em conjunto caracterizam uma área.

A paisagem então configura-se enquanto um conjunto heterogêneo, caracterizado pela relação entre os diferentes, sendo essas as formas ditas naturais, não transformadas pelo humano, e as artificiais, marcadas pela ação antrópica do humano (SANTOS, 2008, apud NASCIMENTO, 2013). Desta forma, quando se pensa paisagem, apesar de remeter-se ao meio natural intacto, a paisagem é formada por frações de ambas, em conjunto as formas naturais e artificiais.

O TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE PAISAGEM

No desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem, Santos (2008) diz que a geografia é uma ciência conectada a vida, logo, conectada ao cotidiano do estudante, onde se faz necessário relacionar a teoria ao cotidiano do aluno, por meio do ensino contínuo e vinculado a sociedade que os alunos são participantes ativos. Reafirmando isso, Callai (2003, p. 60) diz:

A geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento (CALLAI, 2003, p.60).

Buscando facilitar a compreensão do conceito de paisagem, aproximando a teoria do cotidiano do estudante, encontra-se a metodologia do trabalho de campo, onde a cidade pode ser vista, segundo Winkin (1998) como um laboratório natural, onde deparam-se paisagens tanto naturais, quanto artificiais, ocultas ou aparentes.

O ato de realizar o trabalho de campo, não se transmite, nem se explica, o campo se faz, sendo importante, previamente selecionar-se a temática a ser observada no campo (PIRES DO RIO, 2011), neste caso, a categoria paisagem, sendo fundamental o processo de planejamento para uma boa execução da metodologia, contemplando pré-requisitos, como a definição de objetivos, a elaboração de um roteiro/plano e a elaboração de um cronograma (CRUZ, 1997).



Desta forma, compreendendo-se o trabalho de campo enquanto metodologia, sendo mobilizada enquanto ferramenta aplicável a diferentes conteúdos didáticos, de diferentes idades e níveis educacionais, pode-se observar durante sua realização a aplicabilidade no ensino de geografia de diversas temáticas, como a compreensão da própria paisagem, mas também conteúdos ligados a migração, os microclimas, o ensino de cidade, urbanização etc.

O trabalho de campo, pode ser compreendido como uma metodologia investigativa e exploratória que ocorre fora do ambiente escolar, onde o ensino crítico da geografia pode ocorrer com base na observação do espaço concreto e não só no imaginário. Assim, compreendendo a paisagem enquanto um conjunto de elementos naturais e artificiais, espera-se após o trabalho de campo ser possível no cotidiano de cada estudante, ser realizada a análise das paisagens junto a identificação das paisagens ocultas e seus processos de transformações no meio urbano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apropriando-se de Cavalcanti (2006), compreende-se a importância de desenvolver a capacidade de analisar a realidade por meio do pensamento crítico no ensino de geografia, assim utilizando o conceito de paisagem enquanto perceptora do espaço, a partir não só da visão, mas também em conjunto com a audição e o olfato, a partir das relações homem-natureza, marcadas por um conjunto de elementos naturais e artificiais.

O campo, segundo Morais e Lima (2018) se faz importante metodologia no desenvolvimento do conhecimento geográfico, possibilitando a compreensão do conceito de paisagem ao realizar-se análises do meio urbano, como as paisagens artificiais consolidadas e as em transformação, a manutenção e transformação das paisagens naturais, estando inseridas nessas as visíveis e as ocultas pelos processos antrópicos.

A partir da discussão realizada por Santos (2008), compreende-se a categoria paisagem enquanto herança de constantes conexões entre homem e natureza, onde elementos naturais e artificiais se unem caracterizando uma área. Dessa forma o trabalho de campo se fez importante por possibilitar aos participantes observarem tais elementos artificiais, como no caso da Praça Doutor Pedro Ludovico Teixeira (Figura 2).



Figura 2. Foto da Praça Doutor Pedro Ludovico Teixeira



Fonte: Corvalan (2020)

Também conhecida como Praça Cívica, sede do poder executivo estadual, iniciou-se o trajeto nesse ponto retomando as discussões anteriores a respeito da categoria paisagem, visto que tal paisagem, além de marcar os primeiros passos da fundação da capital goianiense, configuram-se as paisagens artificiais, demonstrando as heranças ditas por Santos (2008), transformadas pelo homem.

Seguindo o trajeto determinado previamente, depara-se com a histórica Avenida Goiás, onde retoma-se a discussão de Nascimento (2019), em que definir a paisagem enquanto “aquilo que a visão abarca” é insuficiente, nesse ponto, pode-se observar a transformação da paisagem, por meio da reforma da avenida com a instalação do BRT Norte/Sul. Visto que as paisagens ocultas para o autor são processos e dinâmicas visíveis mas que são ocultados de certas formas pela sociedade, ao observar-se esse trecho, observa-se a paisagem histórica da Avenida Goiás (Figura 3) passando por



transformações, enquanto ocultam-se traços, novas características surgem nessa paisagem artificial.

Figura 3. Foto Avenida Goiás, reforma do BRT Norte/Sul



Fonte: Corvalan (2020)



Seguindo o trabalho de campo, um dos próximos pontos onde a categoria paisagem pode ser trabalhada, está na região da Avenida Anhanguera (Figura 4) e do Teatro Goiânia (Figura 5), uma região central. Nesse local, percebe-se que a paisagem também configura-se a partir dos sentidos, como discutido por Nascimento (2019), assim a partir da audição e do som característico dos centros urbanos, nessa região central, pode-se perceber de maneira empírica que os sentidos também compõem a paisagem.

Figura 4. Avenida Anhanguera



Figura 5. Teatro Goiânia



Fonte: Corvalan (2020)

Por fim o trabalho de campo encerra seu trajeto no Bosque dos Buritis, nesse local, os participantes tem uma quebra com as formas artificiais e transformadas pelo homem e deparam-se com formas naturais, representada nessa pequena mancha verde em meio ao perímetro urbano.

Nesse local, além de observar-se as formas naturais citadas por Santos (2008), é possível compreender a paisagem a partir dos sentidos, como destacado por Nascimento (2019). No campo da audição, o intenso barulho do trânsito e dos fluxos do centro urbano dão lugar aos cantos dos pássaros, patos e animais do Bosque dos Buritis (Figura 6), já em relação ao olfato, permite-se sentir o cheiro dessas formas naturais, como o cheiro de terra entre outros típicos de meios naturais.

Figura 6. Foto Bosque dos Buritis

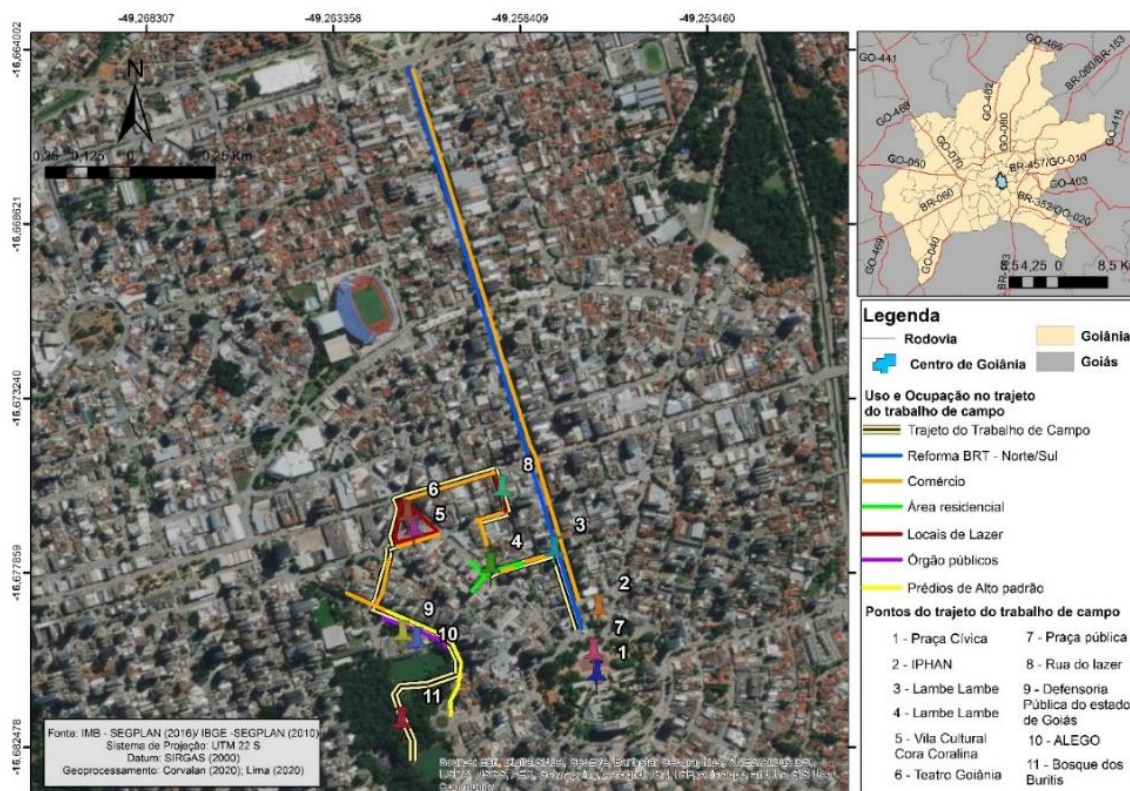


Fonte: Corvalan (2020)

Com o encerramento do trabalho de campo no Bosque dos Buritis, permitiu-se compreender que as paisagens, configuram-se pela união das formas naturais, representadas pelo bosque, mas também pelas artificiais, simbolizadas pelo perímetro urbano entorno, sendo essas as heranças de sucessivas relações entre homem-natureza (SANTOS, 2008).

A partir da metodologia do trabalho de campo permitiu-se compreender que realmente paisagem não é só aquilo que pode ser visto, como discutido por Nascimento (2019), as paisagens ocultas também estão inseridas. Assim, após a revisão teórica, a realização do trabalho de campo e as presentes discussões, obteve-se como um dos resultados da pesquisa o mapeamento dos diferentes tipo de uso do solo urbano (Figura 7), identificando regiões destinadas a órgãos públicos, áreas residenciais, locais de lazer, pontos de manifestação cultural e o bosque, que compõem a categoria paisagem e puderam ser observados e mapeados com base no trabalho de campo realizado.

Figura 7. Mapa de funções do solo urbano no trajeto de campo



Fonte: Google Earth (2020). Elaboração: CORVALAN, R.A.J.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões anteriores, permitiu-se compreender a categoria paisagem além do senso comum, visto que muitas vezes tal conceito é atrelado apenas ao sentido da visão enquanto perceptor do espaço, entendendo dessa forma, que a paisagem também pode ser notada a partir de outros sentidos, como o olfato e da audição.

Também foi possível notar que o conceito da paisagem não está atrelado a uma questão estética, como muitas vezes remete-se a categoria, mas sim relacionada aos processos que originam das relações entre o homem e a natureza, definidos enquanto formas naturais ou não modificadas pelo homem e as artificiais, transformadas pelo humano.

Compreendendo o trabalho de campo enquanto uma metodologia investigativa e exploratória, que ocorre fora das quatro paredes da sala de aula, Cruz (1997) traz que é fundamental o processo de planejamento do trabalho de campo, contemplando alguns requisitos, como a definição de objetivos e a elaboração de um roteiro a ser seguido.



Com base nas discussões anteriores, a pesquisa aponta que a metodologia do trabalho de campo pode ser utilizada de forma proveitosa nas discussões a respeito da categoria paisagem no ensino de geografia, além de sua aplicação empírica não ser onerosa e de fácil acesso aos participantes que nesse caso vivenciaram o centro urbano de Goiânia, mas que poderia ser adaptado em qualquer outra realidade de cidades urbanizadas ou não.

REFERÊNCIAS

- CALLAI, H. C. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CATROGIOVANNI, A. C. et al. (Orgs.). Geografia em sala de aula, práticas e reflexões. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), Seção Porto Alegre, 2003.
- CAVALCANTI, Lana de. Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. In: formação de professores: concepções e práticas em Geografia. Goiânia: Ed. Vieira, 2006, p.27-49.
- DA CRUZ, Rita de Cássia Ariza. Os caminhos da pesquisa de campo em geografia. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), n. 1, p. 93-97, 1997.
- MORAIS, E. M. B. de; LIMA, C. V. de. Trabalho de campo e ensino de geografia:proposições metodológicas para o ensino dos competentes físicos-naturais do espaço na geografia. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; ALVES, Adriana Olivia; ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque (Org.). Contribuições da Geografia Física para o Ensino de Geografia. Goiânia: C&a Alfa Comunicação, 2018. p. 101-120.
- NASCIMENTO, Márcio Silveira et al. Desvendando as paisagens no ensino de geografia a partir do uso e ocupação do solo. 2019.
- PIRES DO RIO, G. A. Trabalho de Campo na (Re)construção da Pesquisa Geográfica: Reflexões Sobre um Tradicional Instrumento de Investigação. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V. 1, N.1, 2011, pp. 07-19.
- SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. 6.ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- TROLL, C. El paisaje geográfico y su investigación. In: MENDOZA, J.Gómez; JIMÉNEZ, M. J; CANTERO, N. O. El pensamiento geográfico. Madrid: Alianza Universidade Textos. pp. 323-329.
- Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial/ Marcelo Lopes de Souza. - 2013. 1 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- WINKIN Y. Descer ao campo. IN: WINKIN Y. A nova comunicação – da teoria ao trabalho de campo. São Paulo: Papirus, 1998, pp. 129-155.